

Diversidade e preconceito na era do politicamente correto: “a carne mais barata do mercado é a carne negra! Só cego não vê!”

¹ Francisco Maciel Silveira Filho é Mestre em Relações de Gênero (Universidade de São Paulo), Graduado em Psicologia (Universidade São Marcos) e em Direito (Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo); Psicólogo Clínico; professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL); <http://lattes.cnpq.br/5993176313603033>

“A carne mais barata do mercado é a carne negra! Só o cego não vê!”
Simples assim! Duro e direto assim! Quase, ou até, por que não dizer, cruel assim. Mas quem diz isso não sou eu, um branco que poderia ser acusado de tentar polemizar sobre as bordas estando no centro, mas sim Elza Soares, a diva negra mais ousada da cena musical brasileira, viúva de Garrincha, alheia desde sempre aos grilhões e ditames do politicamente correto, combatente aguerrida das regras impostas como inalteradas, aquela que seria a nossa Billie Holiday não estivéssemos nós nos trópicos para os quais a realidade vigente é a da desvalorização de uma carne “...que vai de graça para o presídio, para debaixo do plástico, para o sub emprego e para os hospitais psiquiátricos...”, como prossegue a magistral letra da música do não menos politizado grupo Rapa. Mas a cantora continua cantando de forma intensa e rascante que essa mesma carne “...fez e faz história segurando esse país no braço...”. Reconhecemos isso? Será? Com uma história que foi escrita e contada pelos brancos, dignos representantes do centro de referência que estrutura aquilo que se convencionou correto acreditar, esquecemos e desacreditamos da força das bordas na tessitura da nossa realidade, sempre dura e inclemente com aqueles que durante muito tempo em um passado não tão distante foram confinados aos porões dos navios negreiros, às cozinhas e senzalas, e mais atualmente aos empregos pior remunerados e menos reconhecidos, à sorte das benesses das classes dominantes.

A música que Elza eternizou em hino de uma realidade que Gilberto Freire já havia escancarado há muito tempo se chama A Carne e está em seu CD Do Cócix até o Pescoço, gravação que já transpassa 10 anos. Em tom de

constatação, sem autocomiseração, mas cheia de crítica e fervor, Elza, porta voz do grupo Rapa, escancara em A Carne a dura realidade de uma raça expropriada de suas origens, cultura e dignidade, não só no Brasil, quando Portugueses em postura francamente etnocêntrica os destituíram da liberdade de ser e existir livremente, algo que deveria ser tão fluido e natural quanto o ato de respirar. Outros povos, independentemente de sua raça ou etnia foram e continuam sendo por tantas vezes subjugados. São outros negros, mesmo que brancos, amarelos, pardos ou mamelucos, de outras regiões, países e culturas, que outrora e agora podem continuar pagando o preço da menos valia indecorosa que mais forte se configura quanto menos discutida e refletida.

Embora a letra da música cantada por Elza espelhe uma realidade própria, na medida em que ela, negra, pode vir a ter sofrido o que a música denuncia (o que também não é uma regra, pois não é pelo simples fato de ser negro que necessariamente se tenha vivido toda a sorte de preconceitos e discriminações, como se o fato de ser negro significasse sempre ser vítima de menosprezo e menos valia), podemos ampliar horizontes para a discussão do preconceito do qual vem sendo alvo aqueles que ocupam as bordas que fogem da privilegiada realidade dos que ocupam uma posição entronizada como o centro de referência em nossa sociedade.

E o que é o centro? É o que está no meio, no coração de algo, na posição privilegiada e almejada por quase todos os que orbitam ao seu redor. É ele quem bombeia o sangue, mobiliza as artérias, dita as regras do jogo, estabelece padrões, parâmetros e critérios a serem seguidos.

No centro do bolo de festa costuma ficar aquela cereja ou aquele rodocó de chocolate que quase todos secretamente desejam mas tem vergonha de expressar para o dono da festa. No centro da pista de dança costuma bailar o casal mais preparado, desinibido e experiente. No centro da roda de amigos costuma ficar aquele que é mais antenado, que sabe e conhece a tudo e a todos. No centro da vida política, econômica e financeira, quem estaria? Esse centro, vertido para nossa realidade social seria composto por quem?

Talvez pelos negros? Afinal, como negar que um país tão aberta e francamente preconceituoso como os EUA, inventores de algo que ainda estamos aprendendo a digerir como a lei de cotas, tenham eleito para seu cargo máximo um afrodescendente? Por outro lado, como justificar que negros em carros luxuosos sejam mais parados pela polícia que brancos no mesmo tipo de carro ou como justificar nossa conclusão (pensada mas não verbalizada, pois estamos na era do politicamente correto) de que os donos desses carros são jogadores de futebol, pagodeiros ou traficantes! Duro assim! Cruel assim! Afinal, como canta Elza, “...a carne mais barata do mercado é a carne negra e só cego não vê!”. Muitos são aqueles que fingem não ver!

Não, diriam outros, o posto de carne mais barata do mercado hoje é das mulheres! Na América do Sul já houve uma presidente no Chile. Agora são duas nos dois maiores territórios do sul da América. E o que não falar da poderosa Angela Merkel à frente da zona do euro, senhora absoluta não só da Alemanha mas do destino de quase todos os países que se aglutinam em torno de uma moeda que tenta dar respostas aos problemas sociais de quase toda a Europa? Mulheres já estão no mercado há anos, ocupam posição de gestão, muitas em cargos máximos nas empresas, como Maria das Graças Foster, a responsável por um colosso como a Petrobrás. Mas ainda tem que pedir desculpas quando querem ser donas de casa ou parar de trabalhar para cuidar de seus filhos, quase como se Simone de Beauvoir fosse tremer no túmulo por suas escolhas, hoje quase tão libertárias quanto o queimar de sutiãs dos anos sessenta do século passado. Ainda hoje, a maioria das mulheres tem que se contentar com salários menores que os de seus pares homens em mesmas posições e com a dupla, tripla jornada que ainda é uma realidade da grande maioria das mulheres que resolveram desbravar o mercado. Mulheres que como Gais Costas cantando o Hino Nacional nos fins dos anos oitenta abrem o peito e decretam: Brasil, mostra a sua cara! Mostra, Brasil! Mostra! Essa cara de preconceito e discriminação que teima em se apresentar sob a máscara benevolente da condescendência e da aceitação. Quanto mais para baixo do

tapete jogamos nossas contradições menos avançamos e mais estancamos cobertos pelo manto invisível e impenetrável da exclusão, da aversão e da intolerância da qual todos nós, bordas em alguma instância, somos vítimas. Cobaias de uma armadilha da qual somos responsáveis paulatina e cotidianamente pela reposição impensada de conceitos e ideias que há muito já deveriam ter sido recicladas e revistas.

Ainda vítimas de um fenômeno hoje estudado organizacionalmente chamado de teto de vidro, as mulheres, até a média gerência tem as mesmas chances, condições e salários que seus pares homens. Mas a partir daí, na alta gerência, estancam e batem suas cabeças em um teto pelo qual conseguem enxergar o que se passa do outro lado, sem que essa acessibilidade lhes seja possível, pois crescimento e salários serão terreno masculino.

Duro acreditar que ainda hoje existam empresas que diferenciem benefícios concedidos a funcionários em função do seu sexo. Soube há pouco por uma aluna que uma empresa, referência no seu mercado de atuação (que não será mencionado por questões éticas) dava aos seus funcionários homens o direito de estender seus planos de saúde a suas mulheres/companheiras. O mesmo não era permitido às funcionárias mulheres que não podiam incluir seus parceiros como seus dependentes em seus planos de saúde. Qual a lógica? Certamente a do preconceito que aqui nos predispusemos a discutir.

Haverá os que dirão que não, que mulheres já avançaram muito e galgaram espaços impensáveis. Assim, dirão que essa posição, a de carne mais barata do mercado, não é ocupada por mulheres, mas sim pelos deficientes! Quem poderá nos dar muitos exemplos que expressem essa categoria no centro da vida social, política e econômica de qualquer nação? Dirão que estou sendo míope e preconceituoso, que existem deficientes de valor com grande contribuição à sociedade. Claro que existem e tanto acredito nisso que me debruço sobre este tema neste artigo. Mas estão eles no centro? Se sequer há calçadas e prédios habilitados para que os portadores de necessidade especial se locomovam! Se as pessoas que trabalham nestes

prédios e andam por estas vias públicas não estão preparadas para lidar com as particularidades de cada grupo de deficiente? Se os deficientes, dependendo da sua limitação muitas vezes não tem condições de chegar a escolas que lhes deem a qualificação que futuramente servirá de chave para a inserção no mercado de trabalho em posições que não sejam meramente figurativas, como tanto vemos acontecer hoje em dia.

O que temos muito hoje, em virtude das leis de cotas, é a assimilação de deficientes que são contratados para posições subalternas e figurativas, pois se assim não for, as empresas pagam pesadas multas, além de correrem o risco de ter sua imagem maculada pela pecha da exclusão social. Na assimilação há a contratação despreparada daqueles que sem a ajuda e a colaboração devidas certamente não terão condições de avançar e crescer profissionalmente. Mais do que assimilados devem ser incluídos, assistidos, enxergados. Na assimilação as pessoas convidam o deficiente para “a festa”, muitas vezes por obrigação, sem o cuidado de mesclá-los, apresentá-los, integrá-los ao todo. Costumo comparar assimilação e inclusão ao convite que se faz a um amigo excluído, meio *nerd*, meio tímido. Quando se convida essa pessoa, só pela obrigação de convidar, sem ter o cuidado de apresentá-lo aos demais convidados, sem o cuidado de se certificar que esta pessoa está assistida, amparada, terá havido mera assimilação. Quando esse convite se faz pleno de cuidados, passamos a transitar no campo da inclusão. Este é o papel que as empresas e todos nós enquanto agentes sociais devemos exercitar cada vez mais. Nosso universo organizacional precisa urgentemente sair do paradigma da assimilação para o da inclusão.

Outros mencionariam os homossexuais, bissexuais, transexuais no centro da exclusão, afinal nem todos os dias são dias de paradas *gays* quando as categorias que compõe a diversidade sexual ganham as ruas das maiores e melhores avenidas das principais capitais do mundo. Diferente disso, os dias das minorias sexuais engendram mais desafios do que podemos pensar. Direito a planos de saúde para companheiros, direito a reconhecimento legal

de união homoafetiva, direito a andar de mão dada na rua sem olhares de indignação. Direitos que são negados somente em função daquilo que as pessoas resolvem fazer das suas vidas sexuais.

Como querer ou pretender que funcionários representantes das ditas minorias sexuais atinjam os mesmos resultados que os ditos heterossexuais se os direitos civis, sociais e legais não são os mesmos? Há quem ainda não tenha se perguntado isso? Imaginem um funcionário homossexual que não possa colocar seu parceiro de anos como seu dependente no plano de saúde pelo simples fato dessa relação não ser reconhecida como um casamento padrão, “normal”, legalmente reconhecido? Que resultados ele dará diante da sua percepção de tamanha injustiça? Porque a percepção de injustiça social e organizacional são determinantes em nossos avanços e retrocessos.

Haverá os que bravamente aleguem que essa posição de exclusão é ocupada por pessoas que não tiveram a sorte da educação formal a lhes garantir diplomas e portas mais facilmente abertas no mercado de trabalho. Mas para contradizer todos estes, haverá os que aleguem que essa classe já não é mais tão desvalida ou desamparada. Afinal, o Brasil foi comandado por oito anos por um homem iletrado, do povo, alguém que como rosto da maioria preterida foi alçado ao centro do poder, ao núcleo dos “homens do poder”. Mas seriam os Lulas da vida, ou os Sílvios Santos da televisão a nossa regra, aquilo que estamos acostumados a ver e a seguir? Para cada Lula e Silvio Santos há quantos que não tiveram o mesmo percurso? Sorte ou predestinação? Nada de atribuir à sorte, ao destino ou a qualquer outra coisa que desvirtue a conclusão de que todos eles têm seu mérito e é de sua exclusiva responsabilidade seu sucesso e crescimento.

O que o Rapa esqueceu de citar em sua música é que a carne mais barata do mercado não é só negra. A carne que ainda sangra e dilacera é deficiente, gay, pobre, iletrada e de mulher! Ela é a carne que está nas bordas, que clama por aceitação e acomodação, que foge ao centro, ocupado por homens que são brancos, heterossexuais, escolarizados, estáveis

financeiramente e sem deficiência alguma que lhes desabone ou desqualifique. Posição esta chamada de centro de referência, que ao longo dos tempos vem dominando nossa cultura e ditando suas regras, como se as respostas às suas questões e angústias pudessem ser por si só, respostas válidas às necessidades de todos os que orbitam ao seu redor, os ocupantes das posições marginais ou periféricas. Que doce ilusão!

Para a configuração de uma posição, construída como central ou não, o referencial sempre será relativo àquilo que temos como atributo e que não é compartilhado por aqueles a quem queremos isolar. Por meio desse processo de exclusão é que as sociedades modernas delimitaram as normas e seus contornos, determinando aqueles indivíduos que estão e os que não estão em adequação aos padrões culturais eleitos para fundar tais preceitos. Em virtude de tais ideais regulatórios, passaram a existir as concepções de centro e as de margens/bordas.

Na posição central estão os homens heterossexuais, brancos e urbanos, que não mais precisam ser nomeados, cabendo a todos os demais indivíduos as posições periféricas que se constituem a partir do centro. Os sujeitos, dotados das prerrogativas e dos privilégios atribuídos adquirem o direito de representar e expressar a si e a todos os outros, elegendo sua estética, seus pontos de vista e seus desejos como se fossem, para toda uma universalidade de pessoas, os “corretos e esperados”. Representam, dessa forma, por meio da subordinação ou da negação, todos aqueles não-enquadrados sob o manto “da visibilidade” (SILVEIRA FILHO, 2008, p.45).

Mas uma pergunta a qual me faço cada vez com mais frequência é: Quantos de nós pode se dizer homem, branco, heterossexual, escolarizado e apoderado economicamente de forma adequada, sem deficiência que prejudique nossa produtividade tão almejada? Se todas as variáveis que nos constituem são peças a compor um quebra-cabeças, como atestar que estamos ocupando a posição central? Qualquer desvio de rota, qualquer peça faltante nesse intrincado jogo, acaba por nos tirar do centro, arremessando-

nos, sem escalas, às margens. Quem já parou para pensar que a deficiência é um estado transitório quanto à sua aquisição (hoje eu não sou deficiente. Transitoriedade. De posse desse raciocínio fica fácil passar a se preocupar com a qualidade das calçadas, a acessibilidade dos prédios ou com a forma como o nosso mercado assimila deficientes de forma tão incipiente). O mesmo digo em relação à questão da orientação sexual, (na medida em que hoje as pessoas se dão ao direito de experimentar e transitar por esferas e prazeres antes tão engessados) ou do dinheiro (que pode ir e vir acompanhando o fluxo das oscilações cada vez mais frequentes do mercado). Estranha-me que muitos de nós não se deem conta de quão marginais somos no que tange à centralidade da posição predominante em nossa realidade sócio-político-econômica.

Na medida em que somos todos “ex-cêntricos” e “marginais”, pois ocupamos posições que estão sempre muito distantes dos ideais utópicos propostos pelas práticas discursivas hegemônicas, nosso movimento, enquanto grupo social responsável por refletir sobre mudanças necessárias e prementes, não pode se limitar a inverter as posições que são ocupadas por aqueles categorizados como dominadores e por aqueles concebidos como dominados. Em vez disso, supomos aproveitar este deslocamento para demonstrar o caráter construído do centro – e também o das margens. A universalidade e a estabilidade do lugar central resultam de uma história que tem sido constantemente reiterada e de um movimento de reforço que a faz parecer tão verdadeira quanto inatingível. Por outro lado, ceder à facilidade de reverter o jogo praticado, transformando as margens em centro, constituir-se-á no mesmo processo político e excludente até então vivenciado. Mais adequado e proveitoso talvez seja o questionamento que nos permita vislumbrar e assimilar o caráter construído, não só o do centro como também o das margens, indo inclusive na direção das interfaces nas quais ambos se encontram, complementam e reforçam (SILVEIRA FILHO, 2008, p.46).

Mas na era do politicamente correto, como discutir aberta e cruamente preconceitos que escoram e constituem a origem de diferenças que se encarregam de eleger os pouco privilegiados que ocupam o centro e todos os muitos demais que se encontram nas bordas? Na era do que é certo de se dizer e fazer, não é adequado assumir posturas que se percebem como desabonadoras, reveladoras de crenças atávicas e pouco afeitas à aceitação do que se considera diversidade. Se o sucesso das ações afirmativas norte americanas foi justamente o fato de decorrerem de um preconceito nunca velado, sempre escancarado e que permitiu que se percebesse que um grupo enorme de pessoas relegadas às bordas, sem condições educacionais e conseqüentemente profissionais de gerar consumo e renda, poderia levar ao fracasso econômico de toda uma sociedade, como fazer com um povo no qual se criou o mito da boa vizinhança, da camaradagem, da ausência de preconceitos? As cotas surgiram nos EUA como forma de garantir aos negros melhores chances de crescimento, mas sem esquecer nunca do crescimento social que viria a reboque do desenvolvimento de um grupo menos válido.

Será que deixou de ser adequado discutir as minorias, que de menor quantidade nada tem, na medida em que constituem a imensa maioria da nossa sociedade? Deixou de ser adequado dizer que há, sim, diferenças entre homens e mulheres no mercado? Muitos defenderão, afinal, que elas já cresceram e se desenvolveram tanto que nem se justifica mais essa discussão. Quanto à raça, na prática, embora não na expectativa, somos todos iguais: brancos, amarelos, negros e índios, somos uma mistura, quase uma sociedade de pardos de alma, miscigenados pela própria natureza da composição do nosso grupo étnico. Para que pensar na questão racial como forma de desqualificação profissional? Quando falamos nos pobres, menos válidos em todas as esferas públicas e privadas, há que se pensar que tanto já evoluíram e conquistaram, beneficiados pelo milagre do crédito farto e abundante que

talvez nem se precise discutir condições de desigualdade? Será? Quanto aos deficientes, o mercado já tem sido desbravado de tal modo que hoje ele é muito mais receptivo do que há poucos anos atrás. Quanto aos *gays*, as vitórias são tantas, a possibilidade de se mostrar como se quer e se pretende ser visto é tão divulgada que quase se pede desculpas por querer discutir um assunto que se escamoteia como datado e ultrapassado. Será que nada disso precisa ser repensado, discutido e refletido na era do politicamente correto?

Em um universo que se pretende politicamente correto, em que o acertado é falar e “praticar” a diversidade como uma meta de produtividade a ser batida, ouvimos heterossexuais se dizendo minorias acossadas, quase como fumantes que se percebem jogados de escanteio, tendo que fumar em espaços fechados e isolados dos demais. Não são poucos os representantes do centro de referência reclamando doloridamente a perda de espaço e de visibilidade que outrora costumavam ter. Já ouvi alguns dos avatares dessa categoria central (masculina, branca, heterossexual, sem deficiência e privilegiada economicamente) falando jocosamente que na era do politicamente correto teriam que pedir desculpas por serem brancos e machos, como se isso fosse defeito ou desqualificação (*sic*). Mais uma vez não se trata de trazer as bordas para o centro e escravizar o centro nas margens, como se esta rotação de posições fosse, por si só, responsável por resolver desníveis que se constituíram ao longo dos tempos. Essa troca não resolverá em um passe de mágica tudo o que até então tem estado como está. Este jogo de posições não resolverá um buraco que ainda só faz aumentar, infelizmente!

Mas trabalhar diversidade na atualidade passa, necessariamente, pelo reconhecimento do preconceito que acompanha o que é diverso, pois tudo o que é diferente causa estranheza inicial. O que não se pode perder de vista é que sob determinado prisma de análise todos podemos ser diversos e incômodos, na medida em que somos portadores de sinais distintivos que podem não estar necessariamente nos demais. Um homem branco e heterossexual, representante máximo do centro de referência, será minoria

digna de estranheza em um grupo de mulheres negras e pobres. O mesmo diríamos em relação a um magro e alto em um grupo de gordos e baixos. Nesse cenário, ele se tornará a minoria que talvez cause desconforto.

Dessa forma, respeito, dignidade, solidariedade e ações afirmativas consistentes, tanto nos espaços sociais quanto organizacionais são medidas cada vez mais adequadas para minimizar desequilíbrios que tanto identificamos e pelos quais sofremos, mas que ainda são tão pouco alvo de ações adequadas. Esse é nosso trabalho e nosso desafio. Que unamos as mãos à obra. Agora! E que a diferença, mais do que exaltada, seja materializada através de ações consistentes e coerentes em nosso dia a dia.

REFERÊNCIAS

ARRILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (org). Homens e Masculinidades: Outras Palavras. São Paulo: Editora Ecos 34, 1998.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

-----, Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

-----, -----, O parentesco é sempre tido como heterossexual. Cadernos Pagu, n. 21, p.219-260, 2003 b.

BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (org). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Editora FCC, 2002.

CIAMPA, Antônio da Costa. A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

FURLANI, Jimena. Mitos e Tabus da Sexualidade Humana. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

-----, Educação sexual: possibilidades didáticas. In Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: Homens e Masculinidades: Outras Palavras. São Paulo: Editora Ecos 34, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. In: Educação e realidade, v.25, jul.- dez., Porto Alegre: 2000, p. 59-76.
----- (org). O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade Compulsória e existência lésbica. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. Revista Bagoas, n.10, p.17-44), 2005.

SILVEIRA FILHO, Francisco Maciel. *Cativeiros de Papel: O verso, o reverso e o transverso do ser diverso em Santareno*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado)

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: O corpo educado, pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.